

Representações sociais de professores sobre o uso abusivo de álcool e outras drogas na adolescência: repercussões nas ações de prevenção na escola *

Jossara Cattoni Araldi¹

Kathie Njaine²

Maria Conceição de Oliveira³

Angela Carla Ghizoni⁴

ARALDI, J.C. et al. Teachers' social representations of abusive use of alcohol and other drugs during adolescence: repercussions on preventive actions in schools. **Interface - Comunic., Saude, Educ.**

Alcohol is the drug most consumed in any age range and its usage has been increasing significantly among teenagers. This qualitative study sought to reflect on how teachers' social representations of abusive use of alcohol and other drugs reverberate on prevention actions in schools. Focal groups were formed among stage II elementary school teachers, in public and private schools in Lages, Santa Catarina, and interviews were conducted with the directors of these institutions. Field observations and document analysis on the pedagogical policy projects of the schools investigated were also performed, in 2008. The research results showed that the educators' social representations were characterized by a stigmatizing vision of adolescence and the use of alcohol and other drugs within this age range. This makes it difficult to have open dialogue on this issue with teenagers and to implement preventive actions in schools.

Keywords: Social representations. Educators. Teenagers (adolescence). Prevention of abusive use of alcohol and other drugs.

O álcool é a droga mais consumida em qualquer faixa etária e a sua utilização vem aumentando de forma significativa entre adolescentes. Este estudo qualitativo buscou refletir de que modo as representações sociais de professores sobre o uso abusivo de álcool e outras drogas repercutem nas ações de prevenção na escola. Foram realizados grupos focais com professores do Ensino Fundamental II, de escolas públicas e particulares de Lages/SC, e entrevistas com gestores dessas instituições. Também foram realizadas observações de campo e análise documental dos projetos político-pedagógicos das escolas investigadas no ano de 2008. Os resultados da pesquisa apontaram que as representações sociais dos educadores é caracterizada por uma visão estigmatizante da adolescência e do uso de álcool e outras drogas nessa faixa etária. Esse fato dificulta o diálogo aberto sobre essa questão com os adolescentes e para uma atuação de prevenção nas escolas.

Palavras-chave: Representações sociais. Educadores. Adolescência. Prevenção ao uso abusivo de álcool e outras drogas.

* Elaborado com base em ARALDI, J.C. Representações sociais de educadores e práticas de prevenção em relação ao uso de álcool e outras drogas entre adolescentes de Lages, SC. 2009. 102 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Planalto Catarinense, Lages, 2009.

¹ Centro Universitário - Facvest. Av. Marechal Floriano, 947, Centro, Lages, SC, Brasil. jossarapsi@yahoo.com.br

² Departamento de Saúde Pública, Universidade Federal de Santa Catarina.

^{3,4} Universidade do Planalto Catarinense (UNIPLAC).

Introdução

O uso de álcool e outras drogas (AD) é considerado mundialmente um grave problema de saúde pública, que impacta negativamente sobre a saúde física e mental dos adolescentes. Além da vulnerabilidade dos adolescentes ao consumo de substâncias psicoativas, o uso indevido de álcool, por exemplo, tem sido considerado um dos principais fatores para a morbimortalidade por acidentes de trânsito entre os jovens (Santos et al., 2008; Marin-Leon, Vizzotto, 2003).

Schenker e Minayo (2005) discorrem sobre a complexidade dos fatores de risco e de proteção para o uso de drogas na adolescência, e apontam a interdependência dos contextos individual, familiar, escolar, grupo de pares, midiático e comunitário que pode promover tanto o risco quanto a proteção ao uso de drogas lícitas e ilícitas. Essas autoras discutem alguns dos principais fatores de risco apontados na literatura: os **efeitos cumulativos** das substâncias tóxicas e sua relação com a vulnerabilidade do indivíduo; a atitude positiva da **família** em relação ao uso de drogas; o **grupo de pares**, por sua forte pressão; a **vulnerabilidade** das escolas à aproximação do tráfico de drogas, e o assédio de traficantes (dentro e fora do ambiente escolar), assim como diversos outros fatores relacionados à desmotivação para os estudos e baixa percepção das situações de perigo; a presença de drogas na **comunidade**, e a facilidade de acesso às mesmas; a propaganda, na **mídia**, de álcool e tabaco.

No Brasil é relativamente recente a preocupação com a definição de políticas públicas para a questão do consumo de álcool e outras drogas. Somente em 2003 é que foi lançada “A Política do Ministério da Saúde para a Atenção Integral a Usuários de Álcool e Outras Drogas” (Brasil, 2003).

A estratégia de redução de danos tem sido uma das abordagens mais eficazes da saúde pública em relação ao uso abusivo de álcool e outras drogas, porque destina-se, sobretudo, a minimizar os problemas de saúde decorrentes do uso abusivo de drogas ao invés de reprimir o uso ou tentar eliminar. As ações de redução de danos compreendem que as drogas lícitas e ilícitas fazem parte do processo histórico e social e visam o fortalecimento dos indivíduos e grupos, por meio de métodos participativos e inclusivos (Canoletti, Soares; 2005).

Entretanto, desde 1987, o Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas (CEBRID) vem realizando amplos levantamentos com estudantes de 1º e 2º grau de diversas capitais do país, que demonstram um aumento significativo da ingestão regular e elevada de bebidas alcoólicas, pela juventude, na maioria das cidades estudadas. Observou que este aumento ainda apresenta uma tendência progressiva e que deve ocorrer entre os mais jovens (12 a 15 anos de idade). Por fim, os estudos ainda indicam ter se elevado o consumo entre as meninas, e, ainda, que 50% dos adolescentes iniciaram o uso entre dez e 12 anos de idade (Galduróz et al., 2005; Galduróz, Caetano, 2004).

No presente estudo, buscam-se conhecer as representações sociais (RS) dos educadores sobre o uso abusivo de álcool e outras drogas entre adolescentes. Considera-se a importância da instituição escolar como um espaço de socialização dos jovens, sendo, portanto, um lugar com grande potencial para atuar na prevenção ao uso abusivo de substâncias e na promoção da saúde dos estudantes.

As representações sociais

As representações sociais são “uma maneira de interpretar o cotidiano – uma forma de conhecimento social”, Moscovici (1981, p.181), e, ainda, “um conjunto de conceitos, proposições e explicações que se originam na vida diária no processo das comunicações interpessoais”, Moscovici (1981, p.186).

Nessa direção, Jodelet (2001) enfatiza que as representações sociais são como guias para as ações dos sujeitos em suas relações com o mundo e com os outros. Moscovici (2001) e Jodelet (2001) referem dois processos essenciais relacionados à construção das representações: os processos de objetivação e ancoragem. Na objetivação, as noções abstratas são materializadas e se transformam em expressão de uma realidade vista como natural. O processo de objetivação vai derivar conceitos e imagens da memória para combiná-los e reconstruí-los no mundo externo, como ensina Jodelet. Na ancoragem, ocorre, por um lado, um enraizamento da representação e seu objeto, ou seja,

“ancoramos o desconhecido em uma representação já existente” (Spink, 1993, p.306) ou a uma “rede de significações que permite situá-los em relação aos valores sociais e dar-lhes coerência” (Jodelet, 1986, p.38). Desse modo, a ancoragem passa a ter um caráter instrumental na realidade vivida, podendo influenciar as condutas e as práticas sociais.

Uma das funções das representações sociais refere-se à ideia de que as mesmas permitem compreender e explicar a realidade, um saber prático do senso comum, ou seja, um conhecimento comum construído socialmente. Neste estudo, investigam-se as representações sociais dos educadores, objetivando compreender a relação entre representação e prática social. O pressuposto é de que a construção de estratégias de prevenção ao uso abusivo de álcool e outras drogas no âmbito escolar possa estar relacionada com representações que favorecem ou dificultam a construção dessas estratégias no cotidiano.

O estudo das representações sociais dos educadores expressa uma tentativa de se compreender a adoção de práticas e comportamentos, baseados em determinadas crenças, valores e pensamentos sociais, desses profissionais na sua relação com os estudantes. Flament (2001, p.45) afirma que “[...] práticas sociais e representações vão sempre juntas, ao menos potencialmente”.

A investigação das representações sociais de professores sobre o uso de drogas na adolescência é relevante, portanto, pelo fato de elas se relacionarem aos pensamentos e conceitos constituídos e consolidados nas condutas, muitas vezes cristalizadas, dos educadores. Com isso, a palavra se torna um instrumento e, ao mesmo tempo, um material para se compreender a realidade.

Metodologia

Esta pesquisa tem caráter qualitativo e fundamenta-se no referencial teórico das representações sociais (Jodelet, 2001; Moscovici, 2001). Foram investigadas as RS de gestores e professores de quatro escolas (duas públicas e duas particulares) do município de Lages/SC, em relação à prevenção ao uso abusivo de álcool e outras drogas entre escolares.

Foram realizadas quatro entrevistas semiestruturadas com gestores/coordenadores/supervisores de cada escola; quatro grupos focais com os professores do Ensino Fundamental II, sendo um por escola, com a participação, em média, de oito professores em cada grupo, totalizando 32 participantes; observações de campo e análise documental. Os temas investigados nas entrevistas foram: concepções sobre a adolescência e questão das drogas e a escola; iniciativas de prevenção ao uso abusivo de álcool e outras drogas, e a participação da família na escola.

Nas observações de campo priorizou-se o olhar para os aspectos da infraestrutura e relacionais das escolas. A pesquisa documental visou analisar projetos político-pedagógicos das escolas relacionadas ao tema.

Foram selecionadas duas escolas públicas estaduais e duas escolas particulares de diferentes bairros de Lages, SC. Para a seleção das escolas públicas, foi adotado o seguinte critério: uma escola situada em um bairro conhecido pela presença de drogas na comunidade, e outra menos vulnerável a este risco. Foram selecionadas duas escolas particulares, uma escola de orientação religiosa e outra de caráter laico. Os critérios para a seleção das escolas guiaram-se pela necessidade de se conhecerem diferentes realidades e o aceite das instituições escolares para participarem da pesquisa.

As entrevistas individuais e os grupos focais foram analisados com base no método hermenêutico-dialético, seguindo a proposta de interpretação qualitativa de Minayo (2007). As escolas públicas foram assim codificadas: Esc/Púb/1 e Esc/Púb/2; e as particulares, em Esc/Part/3 e Esc/Part/4. As entrevistas com gestores foram codificadas com a letra “G”, e as dos professores com a “P”. As letras PH identificam as falas dos professores do sexo masculino, apesar de não ser intenção do estudo comparar os gêneros.

Os dados foram ordenados e transcritos pelas pesquisadoras. Os relatos foram organizados com o objetivo de se classificarem os grupos pesquisados visando uma interpretação que buscasse homogeneidades e diferenciações por meio de comparações e contrastes. O projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade do Planalto Catarinense (Uniplac).

Resultados e discussões

As representações sociais dos educadores das escolas públicas e privadas pesquisadas, sobre o uso abusivo de álcool e outras drogas na adolescência, denotam algumas visões distintas, mas que, em alguns momentos, se interpenetram.

A primeira delas, presente nas falas da maioria dos educadores, independentemente da natureza da escola, representa uma visão preconceituosa e estigmatizante sobre a adolescência. As RS dos educadores de escolas públicas e particulares sobre a adolescência evidenciaram concepções do senso comum que reforçam os estereótipos em relação a esse grupo na nossa sociedade. Esses estereótipos estão relacionados, sobretudo, a determinados comportamentos externalizados pelos adolescentes, como: a rebeldia, a agressividade e outras condutas consideradas antissociais. Esse fato naturalizado nas concepções dos educadores aponta para outros trabalhos que mostram que muitos educadores têm opiniões bastante negativas sobre os jovens e demonstram sentimentos de descrença em relação a eles (Moreira et al., 2006; Espíndula, Santos, 2004; Minayo et al., 2004).

Essas RS sobre a adolescência estruturam-se em torno de dois aspectos relativos a essa faixa etária: um, biológico, relacionado às mudanças físicas que começam com o início da puberdade e que termina quando as responsabilidades adultas são assumidas; e outro, psicológico, ligado aos conflitos típicos da idade. Essas representações presentes no senso comum são as que mais marcam essa etapa de vida dos adolescentes. Ou seja, a realidade vivida pelos jovens e seu contexto cultural, socioeconômico e familiar, que influenciam na sua formação, ficam reduzidos a uma noção biopsicológica. Assim, as explicações para o uso abusivo de álcool e outras drogas restringem-se à necessidade de autoafirmação, curiosidade, busca de liberdade e prazer na adolescência.

“Adolescência é uma fase bem complicada né, mas ao mesmo tempo é a fase da descoberta”.
(G/Púb/2)

“É o momento de mudanças, transição para a vida adulta, cheia de conflitos, mudanças físicas, psicológicas. É um momento de transgressão de regras”. (P8/Part/4)

“[...] surge uma série de problemas, de conflitos pelas mudanças de pensamento, tentando se firmar como adulto que na realidade não é, o corpo cresce muito a mente ainda não está acompanhando”. (G/Part/3)

Para Tondowski et al. (2007), a adolescência é um processo de intensa descoberta e de ampliação do mundo infantil, pois, nessa fase, o convívio com os amigos ganha importância no contexto social, para além da família. Durante esse processo evolutivo, há a incorporação de novos hábitos, valores, padrões de comportamento, e apenas alguns são deixados para trás. O adolescente busca um novo lugar, um novo grupo com o qual se identifica e adquire segurança para iniciar a construção da própria identidade.

“É uma necessidade de inserir-se num grupo, de fazer parte de alguma coisa”. (PH1/Púb/1)

As representações dos educadores sobre a adolescência se materializam, de alguma forma, na prática desses profissionais sobre a questão do uso de álcool e outras drogas, e na maneira com que encaram e reagem frente a essa problemática social. Desse modo, as RS funcionam como um filtro que leva o docente a interpretar o comportamento adolescente por um único aspecto, ou seja, o comportamental.

Uso de álcool e outras drogas entre adolescentes escolares

Os muitos depoimentos dos professores e gestores da pesquisa, sobretudo da rede pública, confirmam que o consumo de álcool vem aumentando entre os adolescentes. As meninas, na percepção dos docentes, estão bebendo tanto quanto os meninos, conforme apontam alguns estudos (Horta et al., 2007; Galduróz et al., 2005).

“O início da bebida é mais cedo, é meninas que antes era vergonhoso e hoje já estão competindo de igual para igual”. (PH1/Púb/1)

Os educadores das escolas públicas e privadas ainda apontam que a bebida está diretamente associada à diversão dos jovens, como nas datas festivas da cidade, sobretudo a Festa do Pinhão⁵.

⁵ A Festa Nacional do Pinhão é considerada uma das mais conhecidas festas tradicionalistas do sul do Brasil. O símbolo da festa é a Gralha Azul, ave responsável pela reprodução da araucária, árvore que produz o pinhão. O evento começou no fim da década de 1980, como uma manifestação da cultura de Lages, com atrações turísticas, gastronômicas e campeiras, e, atualmente, atrai mais de trezentas mil pessoas por ano.

“Eu percebo que nos finais de tarde, aos domingos, onde você passa há grupos de jovens, adolescentes, eles estão agrupados com uma latinha de cerveja ou um copinho de alguma bebida alcoólica na mão, parece que eles não conseguem, por exemplo, associar a diversão se não tiver voltado ao álcool”. (P4/Púb/2)

“Eles se reúnem [os adolescentes] [...], agora na Festa do Pinhão. É lamentável [...] entraram em coma alcoólico. Toda festa em que se reúnem tem que ter bebida”. (P2/Púb/1)

“O que mais me chocou durante essa Festa do Pinhão é eles contarem como se isso fosse legal, o fato da glicose, de ter bebido, de estar de ressaca [...] quer dizer, a visão que eles têm da droga e do álcool que é a droga acessível que não é proibida”. (PH1/Púb/1)

“Nós temos dentro de Lages uma coisa assim que estimula principalmente ao álcool [...] eu vejo que o adolescente abusa um pouquinho disso e eu não sei até que ponto é possível controlar isso”. (G/Part/3)

O estudo de Horta et al. (2007) referente à AD na adolescência, sob uma perspectiva de gênero, realizado no sul do país, mostrou que 19,5% das meninas entrevistadas afirmaram consumir cigarros uma vez por semana ou mais, contra 13% dos meninos. Em relação à ingestão de bebidas alcoólicas, foram encontradas maiores frequências entre os meninos (49%), enquanto o uso por meninas foi referido por 37,9%.

A representação dos professores sobre AD entre adolescentes passa pela culpabilização da mídia e da família. A primeira por estimular o adolescente a consumir bebida através da propaganda, embora essa forma simplista de explicar a influência da mídia faça parte, também, do senso comum. A segunda, a família, é culpabilizada por promover e consentir com o uso de bebidas alcoólicas, consideradas lícitas. De fato, essas duas instituições são apontadas como fatores de risco para AD, mas não de forma isolada de outros fatores implicados no complexo uso de substâncias, conforme apontam Schenker e Minayo (2005).

"[...] a mídia, principalmente novelas, filmes, propagandas, estimula o adolescente querer. [...] prá tentar se encaixar num grupo em que ele queira pertencer". (P1/Part/4)

"Alguns pais acham que isso é modismo, que é uma coisa natural e não só permitem, mas também incentivam. E muitas vezes eles experimentam por curiosidade". (P3/Part/3)

Acresce, na culpabilização da família, o fato de ela ser pouco participante na vida escolar dos filhos, o que deixaria, para a escola, toda a tarefa de educar, prevenir contra as situações de risco, inclusive contra o uso abusivo de AD.

"Eu acho que a família deveria ser orientada para participar na escola. O que eu tenho visto nos últimos anos quando a gente recebe pais na escola. [...] é pra criticar a aula do professor, é pra dizer que o filho tinha o direito de não usar o uniforme, ou pra proteger o filho". (P1/Púb/1)

"Eu acredito que a participação dos pais é quase nula. Leva pra escola e a escola que se vire". (PH1/Part/3)

Há, também, uma representação negativa da família pelos educadores que passa pela imagem de fraqueza dessa instituição e seu pouco potencial de proteção da prole. Esse aspecto tem sido discutido por alguns estudos que apontam para a necessidade de se fortalecer a família para atuar na prevenção da violência e de outras situações de risco (Assis et al., 2005). Famílias que têm comprometimento com AD necessitam, sobretudo, receber apoio profissional da sociedade e das instituições em geral, para que possam promover um contexto seguro e afetuoso de cuidado com os filhos.

Alguns educadores, porém, acreditam que os pais podem, sim, ser alicerces importantes e uma base de apoio para os filhos, e que a presença dos pais na escola é uma construção coletiva.

"Por isso que o pai e a mãe têm que estar sempre presentes, pra saber o que está acontecendo". (P1/Part/3)

"Na verdade eu vejo tudo isso como uma somatória. Às vezes isso vai acontecer por uma insatisfação do próprio adolescente com ele mesmo. [...] ele está na fase do experimento. Agora, quando ele tem uma base sólida, onde na família tem diálogo, os valores estão muito claros para ele". (G/Part/4)

"[...] a prevenção eu vejo nesse sentido, uma parceria de pais e escola. Com as turmas de 7ª e 8ª trabalhamos os conflitos dos adolescentes, porque às vezes os pais não estão sabendo lidar ou querem lidar da mesma forma como eles foram criados [...] deu certo, tivemos um quorum muito bom. [...]". (G/Part/4)

Um dos fatores de risco para a violência e para a drogadição é o envolvimento dos jovens com o comércio de drogas. O depoimento de uma professora de uma escola pública indica a participação de adolescentes no tráfico de drogas dentro da escola:

"Nós tínhamos vários casos de alunos que não vinham pra estudar, ficavam aqui dentro com alguma outra intenção, que era o tráfico. É bem sério, um menino vinha há três anos e não queria nada com nada [...] vinha assim com outra finalidade". (P2/Púb/1)

São muitos os relatos que demonstram sentimentos de descrença quanto às possibilidades de se fazer um trabalho preventivo em sala de aula.

“Tudo o que nós falamos não adianta, você pode ficar uma manhã toda falando sobre droga, vai chegar a tarde o amigo, eles não vão lembrar do que você falou [...]. Em minha opinião pode fazer o trabalho que quiser assim, conscientização, palestras, isso ou aquilo a influência, vamos dizer assim a força disso é a sociedade”. (PH1/Part/3)

Enquanto alguns professores desacreditam do papel da escola na prevenção ao uso abusivo de AD, outros afirmam que a escola pode atuar preventivamente.

“Eu acho que a orientação na escola quanto a fator de malefícios, de coisas que leva a prejuízos à saúde, ainda tem sua validade”. (P2/Part/3)

“[...] eu vejo também falta de esclarecimentos, de uma conscientização real, uma prevenção das complicações, desde o álcool que é uma droga, a gente diz que álcool e cigarro são as drogas lícitas que na verdade são ilícitas porque conduzem as mais pesadas né”. (G/Part/3)

Os desafios da escola na prevenção do uso abusivo de álcool e outras drogas

O Ministério da Educação (ME), no contexto dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) para o Ensino Fundamental e Ensino Médio, propõe um conjunto articulado e aberto de novos temas, os quais devem perpassar as diferentes disciplinas do Currículo Escolar (Brasil, 1998). A proposta é oferecer uma educação comprometida com a cidadania, elegendo alguns temas: saúde, violência, drogas, preconceitos, meio ambientes e outros de relevância social. A problemática do consumo de álcool e outras drogas entre adolescentes e jovens é um dos temas emergentes que mais vem demandando uma ação da escola.

Muitos professores desta pesquisa relatam, contudo, que não se sentem capacitados para abordar a questão do uso de álcool e outras drogas. Revelam falta de preparo e entaves para lidarem com problemas que fazem parte do cotidiano dos adolescentes. Essas dificuldades passam pelas RS sobre AD e se naturalizam na prática escolar.

De fato, Soares e Jacobi (2000) também observam que há uma relutância e despreparo da instituição escolar em tratar temas importantes como drogas e AIDS e, ainda, há uma escassez de trabalhos preventivos e avaliativos no âmbito educacional.

O modelo de prevenção ao uso abusivo de drogas, adotado nas escolas do estudo, ainda é o tradicional, baseado na repressão e conhecido como “guerra às drogas”. Esse modelo parte dos discursos da moral e do medo que têm sido muito criticados por alguns especialistas por não serem eficientes, sobretudo no que se refere aos grupos etários mais jovens (Henrickson, 2007; Pereira et al., 2004; Marlatt, 2001; Bucher, 1988; Carlini-Cotrim, 1998).

Percebe-se que grande parte dos educadores preconiza a importância de se desenvolverem ações voltadas para a prevenção às drogas, e fazem uma crítica a esse modelo tradicional. Entretanto, demonstram pouca atuação e envolvimento com a questão, delegando essa tarefa, sobretudo, ao PROERD (Programa Educacional de Resistência às Drogas)⁶, aos psicólogos e aos profissionais especializados na área.

⁶O PROERD é um programa de intervenção que segue o projeto DARE (Drug Abuse Resistance Education) ou Educação para a Resistência ao Abuso de Drogas, que tem como objetivo o treinamento para resistir às pressões para que se envolvam com drogas. Inclui exercícios e atividades de sala de aula que ensinam o estudante: a recusar, se esquivar e a não ceder perante a oferta de drogas. Este programa é aplicado por membros do próprio projeto que, muitas vezes, são policiais. Por ser um programa originado dos Estados Unidos, encontramos problemas a mais, como a falta de adaptação cultural, bem como as representações sociais em relação à figura do policial americano e do brasileiro (Noto, Moreira, 2006).

“É mais informação, tipo vem àquela semana antidrogas, você dá um panfleto, mas dizer que somos preparados para orientar não. Primeiro porque a gente não quer se envolver”. (PH1/Púb/1)

“[...] nós temos o Proerd aqui, eu até acho que o Proerd funciona em alguns aspectos. Eu assisti algumas aulas, ele é conduzido mais assim no sentido do medo né, ele faz um trabalho dos riscos, assim é mais impactante, mas quem sabe talvez seja a alternativa [...]”. (P4/Púb/2)

Os educadores também vivem a dicotomia de transmitir os conteúdos pedagógicos e de trabalhar com os jovens outros temas, ou por falta de estratégias para abordarem temas como o das drogas, ou por resistência frente a essa problemática.

“Eu já participei de palestras que esclareceram sobre o uso de drogas, qual a consequência do uso, mas nada muito prático pra nós como educadores saber lidar em sala de aula. Então, se eu tenho um aluno que eu percebo que ele está fazendo uso, eu não tenho a menor noção do que seria o correto fazer com ele”. (P2/Púb/2)

Alguns dos motivos associados a essa dificuldade foram identificados no estudo de Moreira e colaboradores (2006), como: a falta de formação e informação, o preconceito atribuído aos usuários de drogas, e a sobrecarga de trabalho. Todos esses fatores dificultam a realização de um trabalho efetivo de prevenção.

Os professores pesquisados neste estudo, especialmente os que trabalham em escolas localizadas em comunidades com presença do tráfico de drogas, mencionam que podem sofrer ameaças ou represálias por parte de traficantes, caso abordem o problema de drogas na escola. O fenômeno da violência nas escolas tornou-se um fato preocupante no município de Lages e, ultimamente, vem sendo destacado na mídia local. Matéria recente de um jornal da região destacou a crise de insegurança e medo por parte dos professores, alunos, familiares e comunidade em geral frente à violência nas escolas. A gravidade da violência, envolvendo, sobretudo, algumas escolas públicas, levou as autoridades de segurança pública a suspenderem o desfile de 7 de setembro no ano desta pesquisa, devido a ameaças de gangues (Correio Lageano, 2008).

Observou-se, durante as visitas das pesquisadoras, que, em todas as escolas, há uma exigência de identificação para entrar nesses estabelecimentos (exceto para funcionários e alunos). Porém, não foi observado um policiamento no entorno das escolas, exceto em uma escola particular que se encontra em uma rua com tráfego intenso de carros, e a presença de um policial orienta o trânsito nos horários de entrada e saída dos alunos.

As escolas, afirmam os educadores, sentem muitas dificuldades de assumirem sozinhas o desafio da prevenção ao uso abusivo de AD, uma vez que existem poucos programas consolidados e parcerias com outros setores da sociedade local. Apesar dos depoimentos pouco entusiasmados sobre a família, há uma expectativa de se contar com a participação dos pais nessa tarefa. Porém, muitos educadores falam que nunca conversaram com os pais de seus alunos sobre essa temática.

“[...] não com esse tema, não me lembro de a gente ter feito”. (P2/Púb/1).

“Nunca fizemos nada nesse sentido”. (P4/Púb/1)

Nesta pesquisa foram identificadas poucas iniciativas de prevenção ao uso abusivo de AD nas escolas. Essas ações são, geralmente, iniciativas de professores que mostram: uma abertura maior à realidade social dos jovens, uma capacidade de escuta e de diálogo com o adolescente, com os pais e com seus pares. No discurso e na prática, esses educadores atuam com a complexidade da questão das drogas, com a contemporaneidade dos conceitos de adolescência e de família, potencializando um trabalho de prevenção holístico.

Entretanto, a falta de preparo da maioria dos professores para abordar o tema, além do desinteresse desses em intervirem somam-se às dificuldades enfrentadas por essa categoria profissional no mundo moderno, onde a escola é desqualificada como lócus de formação do cidadão e os meios eletrônicos competem com a informação.

Essa problemática exige a integração entre todos para um trabalho coletivo e que este, quiçá, promova uma articulação com outros setores da sociedade, contemplando medidas de enfrentamento com a finalidade de possibilitar adequações necessárias e mais promissoras às propostas de prevenção ao uso abusivo de AD.

As recentes políticas públicas de prevenção ao uso abusivo de AD demonstram a vontade de órgãos federais, estaduais e municipais de subsidiarem as escolas para um trabalho de prevenção. Contudo, é necessário adequar as políticas às realidades locais e às especificidades de cada escola. Além disso, as escolas como instituições sociais precisam de apoio e ressignificações do seu papel na vida dos jovens. Intra e extramuros a escola pode fortalecer redes de apoio e proteção aos jovens e construir representações que recriem positivamente a imagem do adolescente.

Em relação à rede de atenção a usuários de drogas, algumas escolas da pesquisa sinalizaram que têm realizado encaminhamentos para serviços de saúde, comunidades terapêuticas, grupos de apoio, enquanto outras não dispõem de qualquer contato com essas instituições. Esse fato demonstra a fragilidade da rede de atenção e a falta de iniciativas das próprias escolas e dos órgãos municipais para consolidarem esse tipo de atendimento.

Conclusões

Este estudo aponta que as representações sociais sobre ou uso abusivo de AD inserem-se em uma teia de significações sobre drogas e adolescência que podem estar relacionadas a poucas iniciativas de prevenção ao uso abusivo de AD nas escolas. Essa teia comporta noções do senso comum, que circulam socialmente e que naturalizam o caráter estigmatizante e preconceituoso com que o tema é muitas vezes tratado. A questão da representação e da ação social coloca em evidência um aspecto apontado por Jean-Claude-Abric (2001, p.88), quando o autor enfatiza que “A ausência de prática, a distância ao objeto favorece então a ativação de uma representação fortemente avaliativa, privilegiando os julgamentos e as tomadas de posição: uma representação mais “ideológica” do que descritiva”.

Existem poucas estratégias sistematizadas de prevenção ao uso abusivo de álcool e outras drogas nas escolas do estudo. A maioria não tem diretrizes claras e abrangentes sobre a temática das drogas em seus projetos políticos pedagógicos. A interlocução da escola com a família, e vice-versa, também carece de estratégias e capacidade de superar as dificuldades de diálogo entre essas instituições frente à problemática das drogas.

O trabalho preventivo deve estar vinculado a uma proposta abrangente, no qual o uso de drogas deve ser discutido em um contexto mais amplo de saúde. A ética, a pluralidade cultural, o meio ambiente, a saúde, a orientação sexual, o mundo do trabalho, a sociedade de consumo são alguns temas que podem ser abordados em sala de aula no sentido de levar o jovem a refletir sobre as várias dimensões da vida. Finalmente, o presente estudo indica a necessidade de se aprofundar a questão das representações sociais sobre o uso abusivo de AD, tendo em vista o aumento do consumo de substâncias entre a população cada vez mais jovem e a urgência de prevenção desses riscos e de promoção de uma vida saudável para os jovens.

Colaboradores

Jossara Cattoni Araldi participou da concepção e delimitação da pesquisa, coleta de dados, tratamento, análise e interpretação dos dados e redação final do artigo. Kathie Njaine participou da concepção e delimitação da pesquisa, tratamento, análise e interpretação dos dados e redação final do artigo. Maria Conceição de Oliveira participou do tratamento, análise e interpretação dos dados e redação final do artigo. Angela Carla Ghizoni participou da coleta, tratamento dos dados e redação final do artigo.

Referências

- ABRIC, J.C. L'approche structurale des représentations sociales: développements récents. **Psychologie et société: réflexions sur les représentations sociales**. Ramonville Saint-Agne: Editions Erès, 2001. p.81-103.
- ASSIS, S.G. et al. **Resiliência na adolescência: refletindo com educadores sobre superação de dificuldades**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2005.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Temas transversais. Brasília: MEC, 1998.
- _____. Ministério da Saúde. **A política do Ministério da Saúde para a atenção integral a usuário de álcool e outras drogas**. Brasília: Ministério da Saúde, 2003.
- BUCHER, R. (Org.). **As drogas e a vida: uma abordagem psicossocial**. São Paulo: EPU, 1988.
- CANOLETTI, B.; SOARES, C.B. Programas de prevenção ao consumo de drogas no Brasil: uma análise da produção científica de 1991 a 2001. **Interface – Comunic., Saude, Educ.**, v.9, n.16, p.115-29, 2005.
- CARLINI-COTRIM, B. Drogas na escola: prevenção, tolerância e pluralidade. In: AQUINO, J.G. (Org.). **Drogas na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1998. p.19-30.
- CORREIO LAGEANO. Escolas estão reféns da violência. **Jornal Correio Lageano**, Lages, 5 nov, 2008, p.8.
- ESPÍNDULA, D.H.P.; SANTOS, M.F.S. Representações sobre a adolescência a partir da ótica dos educadores sociais de adolescentes em conflito com a lei. **Psicol. Estud.**, v.9, n.3, p.357-67, 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pe/v9n3/v9n3a03.pdf>>. Acesso em: 12 jan. 2010.
- FLAMENT, C. Pratiques sociales et dynamiques des représentations. In: MOLINER, P. (Dir.). **La dynamique des représentations sociales**. Grenoble: PUG, (Collection vies sociales). 2001. p. 43-58.
- GALDURÓZ, J.C.F.; CAETANO, R. Epidemiologia do uso de álcool no Brasil. **Rev. Bras. Psiquiatr.**, v.26, supl,1, p.3-6, 2004. Disponível em: <http://www.fmabc.br/admin/files/revistas/31amabc_supl2_04.pdf>. Acesso em: 12 jan. 2010.
- GALDURÓZ, J.C.F. et al. **V levantamento nacional sobre o consumo de drogas psicotrópicas entre estudantes do ensino fundamental e médio da rede pública de ensino nas 27 capitais brasileiras: 2004**. São Paulo: Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas, Unifesp, 2005.
- HENRIKSON, V.L. Prevenção ao uso de drogas. In: DALLA DÉA, H.R.F. (Org.). **Você tem sede de quê? Entre a cervejinha e o alcoolismo**. São Paulo: Musa Editora, 2007. p.53-65.
- HORTA, R.L. et al. Tabaco, álcool e outras drogas entre adolescentes em Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil: uma perspectiva de gênero. **Cad. Saude Publica**, v.23, n.4, p.775-83, 2007.

- JODELET, D. Representações sociais: um domínio em expansão. In: _____. (Org.). **As representações sociais**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001. p.17-44.
- _____. La representación social: fenómenos, concepto y teoría. In: MOSCOVICI, S. (Org.). **Psicología social II**. Barcelona: Paidós, 1986. p.469-94.
- MARIN-LEON, L.; VIZZOTTO, M.M. Comportamentos no trânsito: um estudo epidemiológico com estudantes universitários. **Cad. Saude Publica**, v.19, n. 2, p.515-23, 2003.
- MARLATT, B.C. Estratégias preventivas nas escolas. In: SEIBEL, S.D.; TOSCANO, A. (Orgs). **Dependência de drogas**. São Paulo: Atheneu, 2001. p.191-8.
- MINAYO, M.C.S. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 10.ed. São Paulo: Hucitec, 2007.
- MINAYO, M.C.S.; NJAINE, K.; ASSIS, S.G. **Cuidar cuidando dos rumos**: conversa com educadores sobre avaliação de programas sociais. Rio de Janeiro: Claves/Ensp/Fiocruz, 2004.
- MOREIRA, F.G. et al. Situações relacionadas ao uso indevido de drogas nas escolas públicas da cidade de São Paulo. **Rev. Saude Publica**, v.40, n.5, p.810-7, 2006. Disponível em: <http://www.mp.pe.gov.br/uploads/TfK9egR0Q_9KQeF_tcNoRw/iMhjtpdMcoU6b7PRvi2DA/Escolas_de_So_Paulo_e_uso_de_drogas.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2009.
- MOSCOVICI, S. Pourquoi l'étude des représentations sociales en psychologie? **Psychologie et société**: réflexions sur les représentations sociales. Ramonville Saint-Agne: Editions Erès, 2001. p.7- 24.
- _____. On social representations. In: FORGAS, J.P. (Org.). **Social cognition**: perspectives on everyday understanding. Londres: London Academic Press, 1981. p.181-209.
- NOTO, A.R.; MOREIRA, F.G. Prevenção ao uso indevido de drogas: conceitos básicos e sua aplicação na realidade brasileira. In: SILVEIRA, D.X.D.; MOREIRA, F.G. (Orgs.). **Panorama atual de drogas e dependências**. São Paulo: Atheneu, 2006. p.313-8.
- PEREIRA, C.A.; BORDIN, S.; FIGLIE, N.B. Conceitos básicos em prevenção ao abuso de álcool e outras drogas. In: FIGLIE, N.B. (Org.). **Aconselhamento em dependência química**. São Paulo: Roca, 2004. p.445-59.
- SANTOS, A.M.R. et al. Perfil das vítimas de trauma por acidente de moto atendidas em um serviço público de emergência. **Cad. Saude Publica**, v.24, n.8, p.1927-38, 2008. Disponível em: <<http://www.scielosp.org/pdf/csp/v24n8/21.pdf>>. Acesso em: 29 fev. 2010.
- SCHENKER, M.; MINAYO, M.C.S. Fatores de risco e de proteção para o uso de drogas na adolescência. **Cienc. Saude Colet.**, v.10, n.3, p.707-17, 2005. Disponível em: <http://www.scielosp.org/scielo.php?pid=S1413-81232005000300027&script=sci_arttext&tIng=es>. Acesso em: 02 fev. 2009.
- SOARES, C.B.; JACOBI, P.R. Adolescentes, drogas e Aids: avaliação de um programa de prevenção escolar. **Cad. Pesqui.**, n.109, p.213-37, 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-1574200000100010&lng=en&nrm=iso&tIng=pt>. Acesso em: 13 jan. 2009.
- SPINK, M.J. O conceito de representação social na abordagem psicossocial. **Cad. Saude Publica**, v.9, n.3, p.300-8, 1993.
- TONDOWSKI, C.S.; CAMMAROTA, F.C.L.; HENRIKSSON, V.Y. A saída do casulo. In: DALLA DÉA, H.R.F. (Org.). **Você tem sede de quê?** Entre a cervejinha e o alcoolismo. São Paulo: Musa Editora, 2007. p.69-73.

ARALDI, J.C. et al. Funciones sociales de los profesores sobre el uso abusivo del alcohol y otras drogas en la adolescencia: repercusiones en las acciones de prevención en la escuela. **Interface - Comunic., Saude, Educ.**

El alcohol es la droga más consumida en cualquier edad y su consumo viene aumentando de forma significativa entre adolescentes. Este estudio específico busca considerar de qué modo las funciones sociales de los profesores sobre el uso abusivo del alcohol y otras drogas repercuten en las acciones de prevención en la escuela. Fueron organizados grupos específicos con profesores de primaria, de escuelas públicas y privadas de Lages, estado brasileño de Santa Catarina y entrevistas con los administradores de esas instituciones. También fueron realizadas observaciones del trabajo de campo y análisis documental de los proyectos político-pedagógicos de las escuelas examinadas el año de dos mil ocho. Los resultados de la pesquisa apuntaron que las funciones sociales de los educadores esta determinada por una visión marcante de la adolescencia y del uso del alcohol y otras drogas en esa etapa de la vida. Ese fato dificulta un dialogo abierto sobre esa cuestión con los adolescentes y para una acción de prevención en las escuelas.

Palabras clave: Funciones sociales. Educadores. Adolescencia. Prevención en el uso abusivo del alcohol y otras drogas.

Recebido em 06/02/2010. Aprovado em 05/09/2011.